



OS PROBLEMAS DE CLASSIFICAÇÃO NAS OBRAS DE JORGE LUIS BORGES E GEORGES PEREC

Jacques Fux*
Luciana Andrade Gomes**

* jacfux@gmail.com
Universidade de Harvard. Pós-doutorando (Unicamp), bolsista Fapesp. Doutor em Literatura Comparada (UFMG) e Doutor em Langue, Littérature et Civilisation Françaises (Lille 3).

** lucianadrade@gmail.com
Mestre em Estudos Literários (UFMG).

RESUMO: Este artigo tem como objetivo aproximar a obra de Borges e Perec sob o viés da classificação, apontando diferentes formas de compilação do conhecimento humano. A partir da necessidade do homem de classificar e ordenar a realidade, os autores reabrem a prática da enciclopédia e subvertem a ordenação tradicional do conhecimento por meio da noção de inclassificável.

PALAVRAS-CHAVE: Jorge Luis Borges; Georges Perec; classificação; enciclopédia; arquivo.

ABSTRACT: The present article aims to reflect upon the work of and Perec under the bias of classification, pointing out the different forms of compilation of human knowledge. From the man's need to classify and sort facts, the authors reopen the practice of encyclopedia and subvert traditional knowledge through the concept of the unclassifiable.

KEYWORDS: Jorge Luis Borges; Georges Perec; classification; encyclopedia; archive.

OS PROBLEMAS DE CLASSIFICAÇÃO

Muitas relações podem ser encontradas nas obras de Jorge Luis Borges e Georges Perec, principalmente em relação ao campo de experimentação da linguagem. O estudo dessas relações contribui para um maior entendimento de ambos os autores. Suas obras estão inseridas na mudança do universo fechado para uma visão ampla e multidirecional do conhecimento humano. Por meio de múltiplas combinações de elementos diversos, elas rompem com a ideia tradicional de classificação em que a semelhança é tomada como princípio fundamental de ordenação. Privilegiando as diferenças, esses autores criam sistemas subjetivos e transitórios e subvertem a lógica das dicotomias e das hierarquias.

Para se pensar a classificação a partir da inclusão da diferença, torna-se necessário recorrer às discussões de Michel Foucault (2007) sobre o ato de classificar em “As palavras e as coisas”. Ele transita por uma apócrifa enciclopédia chinesa, intitulada “Empório celestial de conhecimentos benévolos”, presente no ensaio “O idioma analítico de John Wilkins”, do livro “Outras inquisições”, em que Jorge Luis Borges classifica os animais do mundo em doze categorias desconhecidas, sem abdicar da ordem linear abecedária:

Os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) amestrados, d) leitões, e) sereias, f) fabulo-

sos, g) cachorros soltos, h) incluídos nesta classificação, i) que se agitam feito loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel finíssimo de pêlo de camelo, l) *et cetera*, m) que acabam de quebrar o jarrão, n) que de longe parecem moscas.¹

Nesse conto, Borges traça uma discussão sobre a arbitrariedade da linguagem por meio da proposta de John Wilkins de estabelecer uma língua universal a partir de noções comuns a toda a humanidade. Dessa forma, a língua estaria ligada à natureza das coisas e cada palavra se definiria a si mesma. No entanto, Borges adverte que, “sabidamente não há classificação do universo que não seja arbitrária e conjectural. A razão é muito simples: não sabemos o que é o universo”. E essa impossibilidade de penetrar no esquema divino do universo poderia “dissuadir-nos de planejar esquemas humanos, embora nos conste que estes são provisórios”.²

A língua de Wilkins seria criada, tradicionalmente, de forma enciclopédica, retendo todo o conhecimento em suas ligações. Nesse sentido, Foucault afirma que “na medida em que a linguagem pode representar todas as representações, ela é, de pleno direito, o elemento universal”.³ Essa seria a concepção clássica da linguagem, que vigorou até o Renascimento: “atribuir signos adequados a todas as representações, quaisquer que sejam, e estabelecer entre elas todos os liames possíveis”.⁴

1. BORGES. *Outras inquisições*, p. 124.

2. BORGES. *Outras inquisições*, p. 124-5.

3. FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. 118.

4. FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. 118.

5. FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. 120.

6. FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. 160.

7. FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. XI.

Entretanto, as tábuas de Wilkins são limitadas, revelando a ineficácia desse sistema. Isso porque, segundo Foucault, “a linguagem só é conhecimento sob uma forma irrefletida”⁵ e, por isso, deve ser refeita e reajustada eventualmente. A língua de Wilkins desconsidera as mudanças que são inerentes ao conhecimento e, portanto, à língua. Na visão de Foucault, “a linguagem confere à perpétua ruptura do tempo a continuidade do espaço, e é na medida em que analisa, articula e recorta a representação, que ela tem o poder de ligar através do tempo o conhecimento das coisas”.⁶

Por essa limitação, Borges revela que as categorias criadas pelo idioma analítico de Wilkins são contraditórias e vagas, apesar de o sistema ser engenhoso. Nesse caso, ele recorre à apócrifa Enciclopédia Chinesa para mostrar como essas tentativas de unificação de uma língua ideal são falhas e impossíveis. Isso provoca um estranhamento em Foucault, pois ele questiona como coisas tão distintas podem avizinhar-se, visto que “o próprio espaço comum dos encontros se acha arruinado”.⁷

Isso porque, na acepção tradicional de classificação, o espaço é compreendido como o local de encontro de semelhanças e distanciamento das diferenças. É a partir da semelhança que se impõe “a ordem da conjunção e do afastamento”, que Foucault chamou de *convenientia*: “são ‘convenientes’ as coisas que, aproximando-se uma das outras, vêm a se

emparelhar; tocam-se nas bordas, suas franjas se misturam, a extremidade de uma designa o começo da outra”,⁸ de modo que nasce, dessas articulações, uma semelhança. Segundo o filósofo, esse encadeamento de semelhanças provoca uma conveniência espacial, impondo uma relação de similitude entre as coisas a partir do signo de parentesco. É possível, então, assegurar a classificação por meio de um círculo fechado, pois, “a semelhança impõe vizinhanças que, por sua vez, asseguram semelhanças”.⁹

Fernando Gil, no verbete “Categorizar” da Enciclopedia Einaudi, afirma que “as categorias são, tradicionalmente, representações genéricas da experiência por meio da análise de semelhanças e contrastes”, constituindo-se como uma ação intelectual primitiva.¹⁰ Dessa forma, a classificação possuiria, em princípio, a estrutura de uma árvore genealógica, estabelecendo um só ponto de partida. E essa escolha de critérios intencionais seria o motor da história das classificações.

Pensando nisso, Foucault retoma as taxonomias de Lineu e o cerne da história natural para falar dos sistemas classificatórios que resultam de uma experiência empírica. No intuito de compreender e especificar cada animal, Lineu afirma ser necessário levar em conta dois aspectos: a estrutura e o caráter. Assim, escolhe-se uma estrutura para ocupar o lugar das identidades e das diferenças pertinentes, resultando no estabelecimento do caráter de uma primeira espécie.

8. FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. 24.

9. FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. 25.

10. GIL. *Enciclopedia Einaudi*, p. 53.

Isso compila um parâmetro arbitrário, com base nessa estrutura privilegiada, em que “todas as outras espécies do gênero são comparadas à primeira, banindo-se todas as notas discordantes”.¹¹

Desse modo, na visão de Olga Pombo, professora da Universidade de Lisboa e coordenadora do projeto “Enciclopédia e hipertexto”, classificar seria uma forma de estabelecer “os pontos estáveis que nos impedem de rodopiar sem solo, perdidos no desconforto do inominável, da ausência de ‘idades’ ou ‘geografias’”.¹² Além disso, essas classificações parecem tão naturais e óbvias que se encontram inerentes ao pensamento humano, apresentando-se como os códigos ordenadores da nossa cultura que “fixam logo de entrada, para cada homem, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais se há de encontrar”.¹³

No entanto, Foucault afirma que a enciclopédia chinesa borgiana distorce essa função, subtraindo o chão, “o solo mudo onde os seres podem justapor-se”,¹⁴ como se a conveniência espacial tivesse sido rompida. A ação impede qualquer tentativa de se estabelecer uma estrutura ou caráter que sirvam de parâmetro para classificações posteriores. Nesse caso, o próprio título já denuncia essa súbita vizinhança: “enciclopédia” e “chinesa”, pois instiga nosso imaginário a partir do encantamento exótico de outro pensamento e denuncia

nossa dificuldade em questionar os sistemas já estabelecidos no cerne da linguagem.

Para Robert Darnton, em “O grande massacre de gatos”, isso acontece porque as classificações ocupam um espaço epistemológico anterior ao pensamento e, quando somos colocados perante uma maneira estranha de organizar a experiência, “sentimos a fragilidade de nossas próprias categorias e tudo ameaça desfazer-se. As coisas se mantêm organizadas apenas porque podem ser encaixadas num esquema classificatório que permanece incontestado”.¹⁵ Porém, na classificação de Borges, as fronteiras são diluídas e os limites são redimensionados, de forma que ela se torna, para Foucault, na conferência “Espaços outros” (2006), um espaço heterotópico. E esse espaço tem o poder de justapor, em um só lugar real, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis. Assim, a taxonomia borgiana nos conduz:

a um pensamento sem espaço, a palavras e categorias sem tempo nem lugar, mas que, em essência, repousam sobre um espaço solene, todo sobrecarregado de figuras complexas, de caminhos emaranhados, de locais estranhos, de secretas passagens e imprevistas comunicações; haveria assim na outra extremidade da terra que habitamos, uma cultura voltada inteiramente à ordenação da extensão, mas que não distribuiria

11. FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. 193.

12. POMBO. *Da classificação dos seres à classificação dos saberes*, p. 1.

13. FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. XVIII.

14. FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. XII.

15. DARNTON. *O grande massacre de gatos*, p. 248-9.

16. FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. XIV - XV.

a proliferação dos seres em nenhum dos espaços onde nos é possível nomear, falar, pensar.¹⁶

Zygmunt Bauman (2001), em “Modernidade líquida”, relaciona essa quebra de fronteiras à noção de “fluidez”, afirmando que os fluidos se movem com grande facilidade e estão, constantemente, prontos para mudar. Ele utiliza duas categorias (“líquido” e “sólido”) para diferenciar as principais características do mundo contemporâneo, recorrendo à “liquidez” como metáfora para compreender a natureza dessa nova fase. Segundo o autor, é possível afirmar que, hoje, há um derretimento dos padrões, das fronteiras e das molduras que estabeleciam as classes e que garantiam a ordem, resultando na multiplicidade e nos hibridismos a partir da abertura para o diferente.

Roland Barthes (1981), em “Fragmentos de um discurso amoroso”, se vale da palavra grega *atopos* para designar esse tipo de situação, apontando não só para a sua instabilidade, mas também pela resistência à descrição e definição, caracterizando o que é estranho, extraordinário, insólito e original. Esse estado remete a palavra “inclassificável” que, na definição do dicionário, significa o que não pode ser inserido dentro de uma classe ou categoria, o que está em desordem, em confusão; o que é digno de censura, de reprovação.

Nessa problematização encontram-se os pressupostos para se pensar as obras de Jorge Luis Borges e Georges Perec. Ambos buscam, no encontro insólito, uma nova forma de se pensar o espaço literário. Suas obras, repletas de listas e arquivos fragmentados, configuram uma desordem dos códigos culturais, revelando seu caráter híbrido e atópico. Nesse sentido, é possível identificar uma aproximação entre os autores a partir da noção de inclassificável.

BORGES E PEREC: APROXIMAÇÕES

Georges Perec nasceu em 1936, na cidade de Paris, onde viveu a maior parte de sua vida, e morreu em Ivry, 46 anos depois. Sua obra teve início em 1965, com o romance “As coisas” (PEREC, 1969b), seguido por *Quel petit vélo à guidon chromé au fond de la cour?* (PEREC, 2002b), “Um homem que dorme” (PEREC, 1988) e *La disparition* (PEREC, 1969a) – este último, já escrito após sua entrada no OULIPO¹⁷ (FUX; MOREIRA, 2008).

A obra de Perec pode ser lida por meio de muitas oposições: homogeneidade ou heterogeneidade; tendência ao pleno ou ao vazio; completude ou incompletude; obra melancólica de um órfão frente a uma história irrecuperável ou obra elaborada pacientemente por um colecionador obstinado e um elaborador de *puzzles*; Jules Verne ou Franz Kafka; Barnabooth ou Bartleby (JOLY, 2004). Essa dualidade está

17. OULIPO significa *Ouvroir*, já que pretende trabalhar, *Littérature*, pois diz respeito à literatura, e *Potentielle*, devido à sua potencialidade (OULIPO, 1981).

sempre presente na obra de Perec, possibilitando seu enquadramento na *categoria* do inclassificável e do híbrido:

Se eu tento definir o que procurei fazer desde que comecei a escrever, a primeira ideia que me vêm é que jamais escrevi dois livros iguais. [...] Minha ambição de escrever seria a de percorrer toda a literatura do meu tempo sem jamais ter o sentimento de voltar nos meus passos ou de caminhar novamente pelos meus próprios traços e de escrever tudo o que é possível a um homem de hoje escrever: livros grandes e curtos, romances, poemas, dramas, livretos de ópera, romances policiais, romances de aventura, romances de ficção científica, folhetos, livros para crianças.¹⁸

Por outro lado, Jorge Luis Borges, tradutor, crítico e escritor, viveu até os 87 anos. Nasceu em 1899, em Buenos Aires, e morreu em 1986, em Genebra. Mestre da escrita breve, condensa em poucas páginas uma riqueza de pensamentos filosóficos, literários, poéticos, hipertextuais, ficcionais e conceitos matemáticos. Segundo Italo Calvino (1993), em “Porque ler os clássicos?” Borges abre o texto para o infinito e inverte, trapaceia e muda conceitos preestabelecidos:

O vivido é valorizado por quanto ele irá inspirar na literatura ou por quanto, a seu modo, repete arquétipos literários: por exemplo, entre uma empresa heróica ou temerária num

poema épico e uma empresa análoga vivida na história antiga ou contemporânea existe uma troca que conduz a identificar e comparar episódios e valores do tempo escrito e do tempo real. Neste quadro se situa o problema moral, sempre presente em Borges como um núcleo sólido na fluidez e potencial de intercâmbio dos cenários metafísicos. [...] Na perspectiva borgiana, que exclui qualquer espessura psicológica, o problema da moral aflora simplificado quase nos termos de um teorema geométrico, em que os destinos individuais formam um desenho geral que toca a cada um reconhecer menos ainda que escolher.¹⁹

Assim como Perec, Borges é um generalista: um homem que se aproxima de diversos livros, culturas e áreas do conhecimento com o intuito de adquirir novas ferramentas ficcionais. Como não tem nenhuma pretensão à especialização, ele recorre às enciclopédias, não só como uma redução de modelo, mas também como paródia a busca de conhecimentos variados. Para Borges, literatura é o ato de falar e escrever sobre a própria literatura: sua dignidade não está na existência de um grande autor, e sim na conformação de uma grande narrativa. Uma de suas estratégias mais importantes parte da invenção de si mesmo como narrador, passando da prosa ensaística para a prosa narrativa, fingindo que o livro que deseja escrever já havia sido escrito por um

19. CALVINO. *Porque ler os clássicos?*, p. 249.

18. PEREC apud BURGELIN. *Georges Perec*, p. 11.

escritor hipotético, *el otro*, de outra cultura, com uma visão diferenciada do mundo, ou dos mundos possíveis.

Ele trabalha essa questão no texto “Pierre Menard, autor do Quixote” (2007c), em que a autoria é considerada um estado transitório a partir do trabalho de tradução. Pierre Menard era um romancista que tentou reescrever a história de Quixote, usando as mesmas palavras de Cervantes. No entanto, não queria simplesmente copiá-la, não se tratava de uma transcrição mecânica, “sua admirável ambição era produzir páginas que coincidissem – palavra por palavra e linha por linha – com as de Miguel de Cervantes”.²⁰ No entanto, ainda assim, as duas obras não seriam idênticas, pois a ideia era chegar ao Quixote não pela visão de Cervantes, mas pela experiência do próprio Menard. Nessa rede de referências, Cervantes constituiria um personagem para a criação da obra, visto que existiria um distanciamento provocado pelo contexto de cada um dos autores. Borges considera que toda a obra pode ser lida como uma forma de tradução, pois mesmo que o autor deseje transcrever literalmente o texto fonte, ele será inserido em outro contexto, sob outro viés.

Dessa forma, o leitor torna-se livre para experimentar a obra de acordo com sua bagagem, a partir das discussões do contexto em que ele vive. Principalmente depois das teorias voltadas para a recepção, o sentido de uma obra torna-se designado pelo processo de leitura, independentemente do

autor: “Menard (talvez sem querer) enriqueceu mediante uma técnica nova a arte detida e rudimentar da leitura: a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas”.²¹ O que se percebe é que uma obra está sempre ligada à outra, sendo modificada pelo trabalho de tradução do próprio leitor e podendo ser lida em várias direções diferentes: “Refleti que é lícito ver no Quixote ‘final’ uma espécie de palimpsesto, no qual devem transparecer os traços – tênues, mas não indecifráveis – da escrita ‘prévia’ de nosso amigo”.²²

Georges Perec, por sua vez, irá ilustrar esse conceito com seu jogo de citações e plágios, tomando-o como uma *contrainte*.²³ Em muitos momentos, Perec escreve que a literatura (assim como a arte do *puzzle*) é um jogo que se joga a dois, na qual cada forma de leitura foi pensada anteriormente pelo autor, controlando assim todas as suas possibilidades. Porém, ele próprio discorda e refuta, o tempo todo, esse jogo entre autor e leitor. Por mais matemático e estruturado que o projeto literário seja, quando a obra alcança o público, leitura e recepção não estão mais nas mãos do construtor de *puzzles* (PEREC, 1989).

Esse círculo de referências, que sempre remete a outros textos, tanto em Borges quanto em Perec, faz emergir a noção de “autor-ladrão”. Eles se apropriam de textos a partir da memória alheia, sem se preocupar com referências ou elucidações. Todos os intertextos são misturados à sua teia

20. BORGES. *Pierre Menard, autor do Quixote*, p. 38.

21. BORGES. *Pierre Menard, autor do Quixote*, p. 44.

22. BORGES. *Pierre Menard, autor do Quixote*, p. 44.

23. Uma *contrainte* pode ser entendida como uma restrição inicial imposta à escrita de um texto ou livro, sendo as mais básicas de caráter linguístico. Existem, porém, outras restrições artificiais, que podem ser de caráter matemático, como as sugeridas pelos fundadores do grupo francês OULIPO, criado em 1960 pelo matemático François Le Lionnais e pelo escritor, enciclopedista e matemático amador Raymond Queneau.

24. SCHNEIDER. *Ladrões de palavras*, p. 100.

textual, de forma que eles se tornam um tradutor livre e sem “culpa”. Segundo Michel Schneider em “Ladrões de palavras”, “cada livro é eco dos que o anteciparam ou o presságio dos que o repetirão. Cada um, peça imprópria aleatória de um conjunto sem fim, dá para o precedente e para o seguinte, como essas enfiadas de quarto que povoam os pesadelos, sonhos do inatingível”.²⁴ Dessa forma, o texto torna-se autônomo, sem pressupor uma fidelidade à fonte. A figura do autor como proprietário da obra artística parece desaparecer. Assim, para Compagnon, em *O demônio da teoria* (2006):

Enfim, último elo do novo sistema que se deduz inteiramente da morte do autor: o leitor, e não o autor, é o lugar onde a unidade do texto se produz, no seu destino, não na sua origem; mas esse leitor não é mais pessoal que o autor recentemente demolido, e ele se identifica também a uma função: ele é “esse alguém que mantém reunidos, num único campo, todos os traços de que é constituída a escrita”.²⁵

25. COMPAGNON. *O demônio da teoria*, p. 51.

De acordo com Compagnon, essa morte do autor leva à polissemia do texto, oferecendo uma liberdade maior ao trabalho de leitura. Essa estrutura relembra as discussões sobre o hipertexto de Pierre Lévy, em que textos diversos são conectados de forma anacrônica, de modo que o leitor é capaz de tecer inúmeras relações. Essa rede é composta de textos

que se metamorfoseiam a partir do contato com outros textos e das múltiplas interpretações do leitor.

Dessa forma, outro ponto em comum entre as obras de Borges e Perec é o questionamento da totalidade e do esgotamento do universo. Segundo Pierre Lévy, em “Cibercultura” (1999), a estruturação do pensamento e das relações em rede leva ao que se pode chamar de “sistema do caos”, em que não é mais possível o estabelecimento de uma totalidade: “trata-se de um universo indeterminado e que tende a manter sua indeterminação, pois cada novo nó da rede de redes em expansão constante pode tornar-se produtor ou emissor de novas informações”.²⁶

26. LÉVY. *Cibercultura*, p. 111.

Perec, tentando descrever tudo o que se passa em uma praça em Paris, compõe o livro *Tentative d'épuisement d'un lieu parisien* (PEREC, 2003); com o intuito de pensar em todas as possibilidades de se pedir um aumento ao chefe, escreve “A arte e a maneira de abordar seu chefe para pedir um aumento” (PEREC, 2010). Entretanto, o autor está ciente da limitação, e por meio dessa tentativa absurda da totalidade e do esgotamento, critica qualquer projeto que tente abarcar o todo.

Da mesma forma Borges constrói sua “Biblioteca de Babel” (2007a). Logo no início do texto, o autor descreve como ela seria constituída, fazendo uma analogia com o próprio

27. BORGES. *Biblioteca de Babel*, p. 70.

universo. A estrutura seria montada por galerias hexagonais que se multiplicariam ao infinito e ela seria detentora de todo o conhecimento humano. Essa estrutura é construída como um hipertexto. Uma rede de referências que se encontram no mesmo lugar, mas que não possui um centro determinado, sendo difícil estabelecer um princípio ou fim. Assim, “a biblioteca é uma esfera cujo verdadeiro centro é qualquer hexágono e cuja circunferência é inacessível”.²⁷

Entretanto, o interior dessa esfera teria a forma de um rizoma que se estenderia por todos os lados, sem um centro definido. Isso torna impossível seu fechamento, mas suscita, de forma irônica, um conhecimento que é universal, imortal e infinito. A biblioteca, então, se torna uma enorme enciclopédia, fazendo emergir novos textos, novas leituras, a partir de cada cruzamento. O mesmo ocorre com a descrição de Perec a respeito de todos os elementos da praça de Paris. Trata-se de uma compilação infinita e mutável, compreendendo uma enciclopédia em constante modificação. Para Umberto Eco (1989), em “O antiporfírio”, esse projeto enciclopédico estaria muito próximo do labirinto, como uma rede, em que cada ponto pode ter conexão com qualquer outro ponto, podendo expandir-se infinitamente.

Essa crítica ao desejo de totalidade e estabilidade dos saberes aparece constantemente nas obras de ambos os autores. Nesse aspecto, a prática da compilação do conhecimento é

utilizada como um artifício para parodiar esse pensamento fechado e unidirecional. A enciclopédia passa a ser concebida como uma multiplicidade aberta e conjectural, podendo, na visão de Calvino, em “Seis propostas para o próximo milênio”, continuamente, reordenar tudo de todas as maneiras possíveis.²⁸ Dessa forma, em “O hipertexto como limite da ideia de enciclopédia” (2006), Olga Pombo afirma que a enciclopédia passa a incorporar novas facetas, tornando-se descentrada e acentuando o potencial combinatório de suas entradas, como um hipertexto.

CLASSIFICAÇÕES: LISTAS E ENCICLOPÉDIAS

Pensando na organização dos saberes, Fernando Gil, no verbete “Classificações” da Enciclopédia Einaudi, afirma que a disposição dos objetos de investigação em classes é a primeira etapa desse processo, representando “uma fase preliminar das atividades de conhecimento”.²⁹ Uma das formas de organizar essas classes é através da criação de livros compêndios. Eles foram idealizados para auxiliar o homem na compreensão do mundo, servindo como fonte de consulta para a construção e sistematização do conhecimento. Por meio dos métodos de classificação, era possível ordenar uma realidade desconhecida, tornando-a familiar a partir da confecção de enciclopédias, fabulários, bestiários e livros de falcoaria (utilizados na caça de aves, principalmente falcões).

28. CALVINO. *Seis propostas para o próximo milênio*, p. 131.

29. GIL. *Enciclopedia Einaudi*, p. 91.

No entanto, pode-se afirmar que essa sistematização classificatória teve seu início com as listas, prática que se tornou comum a partir da mudança da cultura oral para a cultura escrita. Segundo Jack Goody (1988) em “A domesticação do pensamento selvagem”, as listas, em sua essência, baseiam-se na descontinuidade, podendo ser lidas em diferentes direções. No entanto, tradicionalmente, elas sempre apresentaram um começo e um fim bem demarcados, com limites externos e internos, justamente para conferir maior visibilidade às categorias. Outro ponto importante é que, devido às necessidades pedagógicas, tornou-se necessário a incorporação de recursos para organizar melhor os elementos listados, lançando mão, principalmente, da ordem alfabética.

Aristóteles e Plínio, o Velho, seriam os nomes essenciais para se pensar esse primeiro esboço de classificação compendial. Ambos são considerados os primeiros compiladores, na tentativa de criar uma enciclopédia da natureza. No caso de Aristóteles, esse trabalho foi marcado pela definição de um conjunto de regras para dividir os gêneros e as espécies, partindo de uma ordem universal até chegar a unidades ínfimas. Além disso, fazendo distinções entre o necessário e o possível, o filósofo grego estabeleceu parâmetros entre as diversas disciplinas, colocando de um lado as ciências teóricas e de outro as manifestações poéticas. Já Plínio, abandonando o regime pedagógico, destacou-se por registrar e

acumular exaustivamente uma variedade de informações sobre o mundo físico, reunidas na obra *Historia naturalis*, um forte modelo do enciclopedismo medieval.

A palavra enciclopédia é um termo latinizado a partir do grego *eu-kuklios paideia* e significa, etimologicamente, o círculo (*kuklios*) perfeito/fechado (*eu*) do conhecimento ou da educação (*paideia*). O termo foi utilizado pela primeira vez no século XVI e só ganhou a conotação que conhecemos hoje a partir dos sistemas classificatórios do século XVII, principalmente pela utilização da ordem alfabética. No entanto, também no contexto escolar surgiram, na Grécia tardia, os primeiros moldes enciclopédicos no Ocidente, incorporados como um procedimento acadêmico para conservar e prolongar a palavra proferida pelo mestre. Já no mundo romano, essa prática aparece como uma forma de inventariar os conhecimentos de uma época decadente.³⁰

Por esse ângulo, segundo Olga Pombo, a enciclopédia nasce como um dispositivo discursivo de natureza compendial, que pretende sistematizar o ensino e incorporar a totalidade do conhecimento humano. A enciclopédia, na visão de Alfredo Salsano, no verbete “Enciclopédia” da Enciclopédia Einaudi, é a “vontade de realizar uma síntese a partir daquilo que se sabe ser uma heterogeneidade, [...] de fixar uma totalidade que continuamente se decompõe para novamente se recompor em outras formas”.³¹

30. POMBO. *Enciclopédia e hipertexto*, p. 180.

31. SALSANO. *Enciclopédia Einaudi*, p. 370.

32. POMBO. *Enciclopédia e hipertexto*, p. 205.

No mundo moderno, a enciclopédia busca uma mistura entre as artes e a ciência, como no caso da *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert, cujo objetivo é criar uma integração entre as disciplinas, aliando “as vantagens do dicionário ao respeito pela ideia de unidade que, desde a sua raiz, a palavra enciclopédia transporta consigo”.³² Até aquele momento, o projeto enciclopédico havia sido fruto de um trabalho individual, sendo a *Encyclopédie*, reconhecidamente, uma obra elaborada de forma coletiva. Além de reunir saberes distintos, ela se tornou o encontro de um grupo de intelectuais que escolheram os critérios de classificação do conhecimento a partir da consciência das limitações e deficiências do pensamento humano.

Assim, tendo em vista sua capacidade de revelar aproximações, a enciclopédia sempre foi, especialmente, o local das relações e das articulações entre os saberes; ora concebida em ordem alfabética, ora agrupando diversas disciplinas. Olga Pombo explicita que o enciclopedismo sempre buscou a criação de um sistema de reenvios, determinando referências internas, cruzamentos e encadeamentos de informações. Ou seja, é por excelência o local de “entrelaçamentos entre as diferentes entradas, mostrando, sempre que possível, a relação de cada uma com o todo – o círculo do conhecimento”.³³

33. POMBO. *Enciclopédia e hipertexto*, p. 187.

No entanto, essa enciclopédia, múltipla e aberta, que Perce e Borges propõem, abandona a estruturação disciplinar e

passa a reconhecer que, hoje, a integração do conhecimento não aceita uma ordem estável e que “qualquer totalidade só pode ter a forma de uma multiplicidade potencial”.³⁴ Nesse sentido, Olga Pombo ressalta que a potencialidade máxima da enciclopédia seria uma espécie de rizoma, uma “rede das redes”, um sistema hipertextual integrado de milhares de subsistemas interconectados, sem sumários ou palavras-chave, sem limite de extensão e que abrangeria todo tipo de conhecimento. Essa rede ofereceria várias vias de escolha, que a autora chamou de “hiperescolha”, apelando “para um jogo infinito de combinatórias, para a participação activa – interactiva – do navegador”.³⁵

O INCLASSIFICÁVEL EM BORGES E PEREC

Sob esse prisma, em “A vida modo de usar”, Perce faz um inventário exaustivo de todos os habitantes de um prédio residencial no centro de Paris. Segundo Maria Esther Maciel, em *A memória das coisas*, trata-se de “um inventário que – pelo excesso de ordenação e detalhamento – acaba também por perder sua própria eficácia enquanto procedimento taxonômico diante da proliferação excessiva dos objetos e detalhes que se acumulam enquanto ‘materiais da vida’ dos personagens”.³⁶ Já em *Penser/Classer*, Perce dedica-se a uma teorização não-convencional de classificação, evidenciando sua fixação por listas, glossários, índices e várias outras modalidades de ordenação do mundo, o que, em suas palavras,

34. POMBO. *Enciclopédia e hipertexto*, p. 273.

35. POMBO. *Enciclopédia e hipertexto*, p. 280.

36. MACIEL. *A memória das coisas*, p. 14.

não funciona, mas que continuamos a fazer sistematicamente: “Lamentavelmente não funciona, nunca funcionou, nunca funcionará. O que não impedirá que sigamos durante muito tempo classificando os animais pelo seu número ímpar de dedos ou por seus chifres ocos”.³⁷

37. PEREC. *Penser/Classer*, p. 155.

Umberto Eco, em *Vertige de la liste*, percorre um trajeto da *Ilíada* até Borges e Perec, recontando e mostrando algumas das listas presentes na literatura, além de apontar uma distinção entre as listas práticas e as listas poéticas. Entre as listas práticas, o italiano cita a lista de cursos, de convidados para uma festa, o catálogo de uma biblioteca, a enumeração de bens de um testamento e indica que, além de determinar um grupo, elas formam um conjunto aceitável, podendo sempre ser ampliadas indefinidamente (porém, finitamente). Essas listas, de acordo com Eco, apresentam três características:

Em princípio, elas têm uma função puramente referencial, quer dizer, elas direcionam a objetos do mundo exterior e têm o objetivo puramente prático de nomeá-los e de enumerá-los (se esses objetos não existissem, a lista não teria nenhum sentido ou então teríamos uma referência, veremos, à uma lista poética); em seguida, como elas enumeram objetos realmente existentes e conhecidos, elas são finitas, pois querem recensar aqueles objetos a que se referem e não outros – e esse objetos, se eles são fisicamente presentes em um lugar qualquer, têm

evidentemente um número definido; enfim, elas não são alteráveis, no sentido que seriam incorretas ou insensatas, de juntar um catálogo de um museu a uma tabela que não seja conservada. As listas práticas representam, à sua maneira, uma forma, já que elas conferem unidade a um conjunto de objetos que, apesar de não semelhantes, obedecem à uma pressão contextual, quer dizer, que são ligados pelo fato de estarem presentes ou preparados todos no mesmo lugar ou pelo fato de constituir o objetivo de um projeto dado.³⁸

38. ECO. *Vertige de la liste*, p. 113.

A razão da lista prática é, assim, óbvia. Mas e a lista poética? Segundo Eco, esse é o seu motivo:

Porque não conseguimos enumerar qualquer coisa que escape às capacidades de controle e de denominação, e isso seria o caso do catálogo de navios em Homero. [...] Outra hipótese: inventando ou redescobrimo esses nomes nos meandros da tradição mitológica, Homero teria se prendido não à forma de seu mundo possível, mas dos sons de seus nomes. Neste caso, teria passado de uma lista que se interessa aos referentes e, de qualquer forma, aos significados, a uma lista que se interessa aos valores fônicos de enumeração, quer dizer, aos significantes.³⁹

39. ECO. *Vertige de la liste*, p. 117.

As listas, porém, se confundem: podemos ler listas práticas como se fossem listas poéticas e vice-versa, num processo comumente utilizado por autores como Perec e Borges.

Para conceber a lista de animais borgianos da enciclopédia chinesa, é necessário conhecer uma lista prática de animais reais, ou de animais inventados. Perec, em “A vida modo de usar”, apresenta listas variadas de cardápios, placas, tabelas, fazendo assim uma ligação das listas poéticas e práticas propostas por Eco.

Perec, sentado na praça *Saint-Sulpice* em Paris, escrevendo seu *Tentative d'épuisement d'un lieu parisien* e anotando, de maneira cadastral, cada hora, evento e lugar da praça em que o mesmo ocorre, representa um excesso coerente ou caótico? Sua enumeração só pode ser casual e desordenada, uma vez que muitos outros eventos são produzidos no mesmo momento, na mesma praça, e o autor não pode notar todos. Porém, sob outro ponto de vista, essa lista contém apenas as coisas que ele observou, que lhe chamaram a atenção dentre uma imensidade de informações diversas, o que faz com que essa lista, concebida para ser desordenada e caótica, seja homogênea e fundamentada em sua percepção. Em *Je me souviens*, todo o caos é ordenado, pois tudo o que enumera é decorrência de sua lembrança. Assim começa Perec seus dois livros:

Eu me lembro dos jantares na grande mesa da *boulangerie*. Sopa e leite no inverno, sopa e vinho no verão. Eu me lembro do presente Bonus disputado com minha irmã quando um novo

pacote era comprado. Eu me lembro das bananas cortadas em três. Éramos três. Eu me lembro do nosso carro que pegou fogo nas madeiras de Lancôme em 76. Eu me lembro dos jogos de elástico na escola.⁴⁰

Data: 18 de Outubro 1974

Hora: 10:30

Lugar: Tabacaria Saint-Sulpice

Tempo: Frio seco. Céu cinza. Alguns clarões.

Esquema de um inventário de algumas coisas estritamente visíveis: as letras do alfabeto, as palavras “KLM” (na bolsa de um pessoa que passeia), um “P” maiúsculo que significa “parking”, “Hotel Récamier”, “St-Raphaël”, “l'épargne à la derive”, “Taxis tête de station”, “Rue du Vieux-Colombier”, “Brasserie-bar La Fontaine Saint-Sulpice”, “PELF”, “Parc Saint-Sulpice”. Símbolos convencionais [...], números [...] asfalto [...] árvores [...] veículos [...] seres humanos [...] um pão (baguete).⁴¹

Já no conto “O Aleph” (2003a, p. 170-171), de Borges, publicado em livro homônimo de 1949, o narrador-personagem, também chamado Borges, conta o que seu amigo Carlos Argentino Daneri vislumbrou quando avistou o Aleph. Daneri era primo de Beatriz Viterbo, que morreu em 1929. Com a morte da amiga, Borges passa a visitar Daneri com frequência para conversar sobre literatura. Um dia, Daneri o surpreende com um telefonema para contar sobre

40. PEREC. *Je me souviens*, p. 5.

41. PEREC. *Tentative d'épuisement d'un lieu parisien*, p. 5.

a demolição de sua casa. Como era poeta, necessitava de um lugar tranquilo para escrever, principalmente porque seu projeto era compor um poema infinito. Foi nesse intento que descobriu Aleph, um ponto do espaço que abarca todos os outros pontos e no qual estão contidos todos os tempos, lugares, objetos e imagens.

Nesse sentido, o Aleph seria uma espécie de ponto de convergência do universo, sem demandar uma ordem hierárquica ou caráter de sucessão entre seus elementos; ao contrário, todos os objetos estariam dispostos de forma simultânea, sendo justapostos em um único ponto. No entanto, enquanto Borges se sentiu aterrorizado diante dessa ideia, pois viu um mundo refletido sobre si mesmo e uma possibilidade de totalidade do universo, Daneri a interpretou como matéria-prima para seu poema, como uma forma infinita de ver as coisas do mundo. Borges ficou preocupado com a impossibilidade de esquecer tudo que vira e não se maravilhar mais com a grandeza do universo. Para ele, era como se Aleph fosse uma esfera que representasse todas as coisas, símbolo de um mundo fechado e de um conhecimento total. Já para Daneri, o Aleph seria a representação de uma visão aberta, múltipla, que se estenderia ao infinito.⁴²

Para Eco, o universo inteiro que Borges cria em “O Aleph” é uma lista fatalmente inacabada de lugares, pessoas e desconcertantes epifanias (ECO, 2009). Porém, Péric, em seu

Espèces d'espaces, referindo-se à esse mesmo momento do conto “O Aleph”, o lê como um alfabeto: o “Aleph, esse lugar borgiano onde o mundo inteiro é simultaneamente visível, é ele outra coisa que não um alfabeto?”.⁴³

Já Gaspard Winckler, um dos personagens de “A vida modo de usar”, assim como John Wilkins, o personagem de Borges, tem o desejo obsessivo de colocar um pouco de ordem no universo ou problematizar um pouco mais as possibilidades de classificação:

Ele tinha vontade, explicava, de classificar essas etiquetas, mas era muito difícil: evidentemente, havia a ordem cronológica, mas ele achava demasiado pobre, mais pobre ainda que a ordem alfabética. Ele tentou por continente, depois por país, mais isso não o satisfazia. O que ele queria era que cada etiqueta fosse ligada à seguinte, mas cada vez por uma razão diferente. [...] Isso não era somente difícil, acrescentava Winckler, era sobretudo inútil: deixando as etiquetas desordenadas e escolhendo duas ao acaso, podemos ter sempre ao menos três pontos comuns.⁴⁴

Percebemos, assim, que o problema da classificação está presente em Borges e Péric, e que eles trabalham a questão de diferentes formas em suas obras. Porém há um momento especial em que Péric utiliza uma famosa classificação de Borges: “O idioma analítico de John Wilkins”. Para Umberto

42. BORGES. *O Aleph*, p. 171.

43. PEREC. *Espèces d'espaces*, p. 26.

44. PEREC. *A vida modo de usar*, p. 56.

Eco, a lista chinesa que Borges inclui nesse texto é o exemplo máximo de lista incongruente. Eco indica as diferenças entre as enumerações caóticas da antiguidade e as atuais, indicando que Homero, por exemplo, recorria às listas por lhe faltarem palavras, e que a língua e o *topos* do indizível dominaram durante séculos as listas poéticas:

Examinando o excesso coerente das enumerações caóticas, constatamos que, de acordo com as listas da Antiguidade, qualquer coisa de diferente foi produzida. Homero recorria à lista porque lhe faltavam as palavras, a língua e a fala, e o *topos* do indizível dominou durante séculos a poética da lista. Em contrapartida, as listas de Joyce e de Borges mostram a evidência de que o autor não enumera mais porque não saberia como dizer de outra forma, mas sim porque ele quer dizer pelo excesso, pelo *hybris* e voracidade da letra, por um feliz saber (raramente obsessivo) do plural e do ilimitado. A lista se torna uma forma de remisturar o mundo, a fim de colocar em prática o convite de Tesouro de acumular propriedades para surgir novos produtos entre coisas distantes, e, em todo caso, por colocar em dúvida o que dita o senso comum. A lista caótica se torna, assim, um dos modos dessa decomposição das formas que atingirão, cada uma a sua maneira, o futurismo, o cubismo, o dadaísmo, o surrealismo ou o novo realismo.⁴⁵

Em “A ameaça do lobisomem” (SANTIAGO, 1988), ao abordar a introdução do livro “As palavras e as coisas”, de Foucault, Silviano Santiago destaca que a enciclopédia chinesa, com sua classificação divergente da ordem convencional, duplica antigas leituras europeias das culturas colonizadas e acabam sendo responsáveis por uma das mais canônicas leituras do escritor argentino porque reencenam e reafirmam o teor exótico e estranho para a condição latino-americana.

Umberto Eco, retomando também a inquietante classificação chinesa, faz referência a um problema clássico da lógica matemática para explicar o problema de colocar a própria classificação dentro da classificação – atitude de Borges ao incluir em sua lista o item *h) incluídos na presente classificação* –, qual seja, o problema da autorreferência. Borges, aqui, faz menção aos paradoxos de Bertrand Russel, com o intuito de criticar um sistema classificatório ou um sistema de enumeração, conforme indica Eco:

Mas há algo pior. Isso que coloca a lista verdadeiramente inquietante, é que ela inclui entre os elementos que ela classifica, os mesmos elementos que são pertencentes à classificação. Aqui, o leitor ingênuo, mais que tudo, perde a cabeça. Mas o leitor *expert* em lógica de conjuntos confirma a vertigem que sentiu Frege face à objeção do jovem Russell. Apresenta-se um paradoxo. Borges não fez outra coisa que colocá-lo em cena.⁴⁶

46. ECO. *Vertige de la liste*, p. 395.

45. ECO. *Vertige de la liste*, p. 327.

47. BLANCHÉ. *A história da lógica*, p. 329-30.

No caso de um catálogo de todos os livros de uma biblioteca é possível questionar se ele também deveria ser incluído na coleção de livros dessa biblioteca. Segundo Robert Blanché, em “A história da lógica”, “a antinomia que leva a noção de uma classe que se contém ela mesma como elemento” deve ser evitada, pois torna-se impossível realizá-la sem a circularidade.⁴⁷ Além disso, seguindo a linha de raciocínio de Russel, incluir essa categoria traria um caráter de indeterminação para a lista, arruinando o objetivo tradicional da classificação. É possível, então, vislumbrar a noção de inclassificável a partir da quebra da entidade lógica. Quando se tenta inserir, dentro do conjunto, uma classe que englobe todos os elementos desse conjunto, esbarra-se num obstáculo que impede uma classificação racional desses elementos.

Essa ordem de classificação também é explorada no livro *Penser/Classer* (PEREC, 1985) que traz um texto com o mesmo nome, no qual Percec começa se perguntando se ele pensa antes de classificar ou se ele classifica antes de pensar e como ele pensa quando quer classificar, perguntas que nos remetem aos comentários de Foucault. Percec continua provocando e desordenando o próprio sistema de ordenação através de sinônimos: tudo isso seria uma utopia de desejo taxonômico, a de colocar um lugar para cada coisa e uma coisa em cada lugar. Para Percec, o problema das classificações é que elas caducam, apesar do desejo de classificar: a abundância de

coisas e de informações de cada elemento permite, somente, uma classificação provisória, incompleta e absurda. Assim Percec apresenta sua própria lista, em referência à de Borges:

A) Animais que fazemos pares, B) animais que a caça é proibida do 1º de abril à 15 setembro, C) baleias encalhadas, D) animais que na entrada do território nacional são submetidos à quarentena, E) animais em copropriedade, F) animais empalhados, G) *et caetera*, H) animais sensíveis, J) animais beneficiários de heranças importantes, K) animais que podem ser transportados em cabines, L) cachorros perdidos sem coleira, M) asnos, N) jumentos presumidamente cheios.⁴⁸

Nesta classificação, o item G é interessante de ser analisado, por estar presente também na classificação borgiana e por um comentário do próprio Percec em relação a ele: “Esse ‘etc.’ não tem nada de surpreendente propriamente dito; é somente o seu lugar na lista que o torna curioso”.⁴⁹ Conforme Eco, o item “presentes nessa classificação” de Borges torna o conjunto autorreferente, levando-nos novamente ao paradoxo de Russell. O *et caetera*, por seu turno, mostra a impossibilidade de classificar: na classificação, por mais exaustiva que esta seja e por mais que tente ordenar todos os elementos, há sempre um *et caetera*, que, por definição, fica responsável pelo “e o resto”. Ou seja, por meio dele é possível incluir tudo

48. PEREC. *Penser/Classer*, p. 165.

49. PEREC. *Penser/Classer*, p. 165.

na classificação, abrindo-se ao infinito. Perec continua, em “Borges et les Chinois”:

A abundância de intermediários e o gosto bem conhecido de Borges pelas erudições ambíguas permitem questionar se esse *hétéroclisme*, um pouco demais perfeitamente estupefante, não é inicialmente um efeito da arte. De simples punções nos textos administrativos, tudo que há de mais oficial é suficiente para produzir uma enumeração quase, também, *rondeflanesque*.⁵⁰

Nesse caso, Perec se pergunta se a classificação de Borges, conhecendo suas referências, suas leituras, sua erudição e suas trapaças, não seria, tão somente, arte. Sua nova classificação apresentaria punções de textos administrativos e oficiais que produziriam, também, enumerações circulares. Uma solução possível para o problema da classificação, por exemplo, de uma biblioteca, seria a dada pelo Capitão Nemo, personagem de Júlio Verne e citado por Perec: “o mundo terminou para mim no dia que meu Nautilus se enterrou pela primeira vez sob as águas. Neste dia, comprei meus últimos volumes, meus últimos livros, meus últimos jornais, e desde então eu quero acreditar que a humanidade não mais pensou ou escreveu”.⁵¹

No entanto, essa solução também seria provisória e subjetiva. O que as obras de Borges e Perec mostram é que todo o conhecimento humano só pode ser visto e compreendido do

ponto de vista do inclassificável. A partir do aspecto móvel e transitório da contemporaneidade, o saber se tece de forma coletiva e multidirecional. Dessa forma, de acordo com Maria Esther Maciel em “Poéticas do inclassificável”, “podemos argumentar que, se existe o inclassificável, é porque os sistemas de classificação disponíveis e legitimados são insuficientes e não dão conta de acomodar a complexa diversidade e multiplicidade do mundo”.⁵² Dessa maneira, é possível afirmar que, no momento, esse modelo enciclopédico:

[...] se ofereça como o mais adequado para uma era inclassificável como a do presente, no qual as fronteiras entre culturas, línguas, gêneros, artes e campos disciplinares se entrecruzam, abrindo-se cada vez mais ao híbrido, ao heterogêneo. Uma era em que a rapidez e a multiplicidade de informações desautorizam e desestabilizam explicitamente a própria ideia de classificação, demandando uma reconfiguração do conhecimento a partir de uma perspectiva mais aberta, dialógica e, até mesmo, paradoxal. Como se tudo, hoje, estivesse sob o signo inquietante do ornitorrinco, do inclassificável.⁵³

Assim percebemos algumas relações entre os trabalhos de Perec e Borges, principalmente por meio da noção de inclassificável. A partir dessas descobertas podemos melhor compreender e recepcionar suas obras. Outras relações ainda podem ser descobertas e com isso novas possibilidades

50. PEREC. *Penser/Classer*, p. 164.

51. VERNE apud PEREC. *Penser/Classer*, p. 33.

52. MACIEL. *Poéticas do inclassificável*, p. 156.

53. MACIEL. *Poéticas do inclassificável*, p. 159.

de leitura e entendimento surgirão. Por meio da análise de suas obras, é possível ampliar as discussões sobre os problemas de classificação na atualidade e a criação de compêndios ficcionais, abrindo espaço para novas reflexões no campo da literatura e das outras artes.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Francisco Alves, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- BLANCHÉ, Robert. **História da Lógica: de Aristóteles a Bertrand Russell**. Lisboa: Edições 70, 1985.
- BORGES, Jorge Luis. O Aleph. In: BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. São Paulo: Globo, 2003, p. 157-76.
- BORGES, Jorge Luis. A Biblioteca de Babel. In: BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a, p. 69-79.
- BORGES, Jorge Luis. O idioma analítico de John Wilkins. In: BORGES, Jorge Luis. **Outras inquisições**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b, p. 121-6.
- BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor do Quixote. In: BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007c, p. 34- 45.
- BURGELIN, Claude. **Georges Perec**. Paris: Éditions Seuil, 1988.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.
- CALVINO, Italo. **Porque ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- DARNTON, Robert. Os filósofos podem a árvore do conhecimento: a estratégia epistemológica da Encyclopédie. In: DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 247-70.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ECO, Umberto. **A busca da língua perfeita**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- ECO, Umberto. **La vertige de la liste**. Paris: Flammarion, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FUX, Jacques. **Literatura e Matemática: Jorge Luis Borges, Georges Perec e o OULIPO**. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2011.

FUX, Jacques. "A matemática em Jorge Luis Borges e Georges Perec: um estudo comparativo". **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, UFMG, Novembro, 2010.

FUX, Jacques; MOREIRA, Maria Elisa R. Fronteiras, deslocamentos, fluxos: quando a ficção questiona o estatuto da ficção. **Remate de Males**, Campinas, v. 28, n. 2, 2008, p. 197-210.

GIL, Fernando. Classificações. In: ENCICLOPÉDIA **Einaudi**. Vol. 41. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 90-110.

GOODY, Jack. **A domesticação do pensamento selvagem**. Lisboa: Presença, 1988.

JOLY, Jean-Luc. **Connaissance du monde. Multiplicité, exhaustivité, totalité dans l'œuvre de Georges Perec**. Thèse de doctorat sous la direction de Bernard Magné. Université de Toulouse Le Mirail. Avril, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

MACIEL, Maria Esther. **A memória das coisas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

MACIEL, Maria Esther. Poéticas do inclassificável. In: **Aletria**, Belo Horizonte, v. 15, 2007, p. 155-62.

NASCIMENTO, Lyslei. Monstros no arquivo: esboço para uma teoria borgiana dos monstros. In: JEHA, Julio (Org.). **Monstros e monstruosidades na literatura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007, p. 53-63.

PEREC, Georges. **La disparition**. Paris: Denoel, 1969a.

PEREC, Georges. **As coisas**. São Paulo: Nova Crítica, 1969b.

PEREC, Georges. **La Vie mode d'emploi**. Paris: Hachette, 1978a.

PEREC, Georges. **Je me souviens**. Paris: Hachette, 1978b.

PEREC, Georges. **L'ARC 76 - Georges Perec**. Paris: Librairie Duponchelle, 1979.

PEREC, Georges. **Penser/Classer**. Paris: Hachette, 1985.

PEREC, Georges. **Um homem que dorme**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

PEREC, Georges. **A vida modo de usar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PEREC, Georges. **Espèces d'espaces**. Paris : Galilée, 2000.

PEREC, Georges. **Romans et Récits**. Paris: Librairie Générale Française, 2002a.

PEREC, Georges. **Quel petit vélo à guidon chromé au fond de la cour?** In: PEREC, Georges. **Romans et Récits**. Paris: Librairie Générale Française, 2002b, p. 147-210.

PEREC, Georges. **Tentative d'épuisement d'un lieu parisien**. Paris: Christian Bourgois Editeur, 2003.

PEREC, Georges. **A arte e a maneira de abordar seu chefe para pedir um aumento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

POMBO, Olga. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. Lisboa, 1998. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/opombo-classificacao.pdf>. Consultado em 11 jan. 2011.

POMBO, Olga. **Enciclopédia e hipertexto**. Lisboa: Duarte Reis, 2006.

SALSANO, Alfredo. Enciclopédia. In: ENCICLOPÉDIA **Einaudi**. Vol. 41. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 369-432.

SANTIAGO, Silvano. **A ameaça do lobisomem**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, Florianópolis, 1998, p. 31-44.

SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de palavras**: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.